

A GUERRA DAS MOEDAS

Prof. Sérgio Augusto Pereira de Borja

Os guerreiros antigos foram substituídos pelos economistas, empresários e investidores. Alan Greenspan, George Soros, Lyndon LaRouche, François Chenais, John Kenneth Galbraith, Hikaru Matsunaga, são alguns dos nomes dos novos Alexandres, Césares e Napoleões. Alguns, mega-especuladores, são considerados até como modernos Átilas em face do estrago que podem causar com seu hot money ou smart money sobre as economias dos estados.

O cenário estratégico das lutas continua sendo a geografia mas deslocando-se o comando dos Estados-nação, antigos protagonistas, transformando-os em meros coadjuvantes. Uma mutação subverteu a ordem antiga e o que era causa, hoje sofre os efeitos. Aqueles, que no xadrez econômico ocupavam o lugar de reis, rainhas e bispos, hoje não passam de meros peões. Keinichi Ohmae, globalista japonês, na esteira de Alvin Tofler, prenuncia inclusive o fim do Estado-nação, que no seu entender será substituído pelas economias regionais, tudo isto sob a batuta das corporações transnacionais.

Foi Hilffinding, em 1909 em sua obra O Capital Financeiro, que descreveu o crescimento agregativo dos monopólios que dariam origem ao chamado "Socialismo Antagônico", seja, o domínio dos trusts e a extinção do livre mercado. John Kenneth Galbraith, retoma esta idéia, em sua obra O Novo Estado Industrial, esboçando o associativismo do estado emaranhado e absorvido por estes mega-interesses.

Assim é, que o Estado-Nacional, surgido entre os séculos XIV e XVIII, baseado na Soberania que projetava-se nas funções de legislar, julgar e administrar cobrando tributos e cunhando moeda, hoje, vê suas funções esmaecidas pela interação internacional a que estão submetidos todos os países. Cada vez mais as antigas funções tradicionais vão sofrendo um processo gradativo de relativização em face da normatização advinda dos entes internacionais.

A moeda cuja história é resgatada pela numismática, evoluindo de conchas, sal ou gado, para a forma metálica e posteriormente com o surgimento da imprensa, criada por Gutemberg, assumindo a forma de papel-moeda, hoje, na era de Bill Gates, ganhou uma textura eletrônica própria do símbolo que se desconectou virtualmente, através dos cartões, de sua antiga concreção.

Assim é que, notadamente, a moeda simbolo de troca comercial e de prestígio da economia dos países começa a sofrer uma erosão no seu conceito nacional. Seu conceito fundamental e internacional de valor de troca, mantém-se no entanto, incólume como commodity que pode avaliar como referência, o valor do trabalho, serviços e bens.

A primeira moeda nacional a ter um prestígio internacional foi a libra inglesa. É sabido que nas três primeiras décadas do século XX ela circulava, apesar das moedas nacionais, em vários países.

Com a substituição do poder inglês pelo americano, após a segunda guerra mundial e com a criação dos entes de Bretton Woods, o dólar que tinha lastro ouro, paulatinamente, superando o dilema proposto por Robert Triffin, economista belga, passa a perdê-lo, tornando-se no entanto a nova grife monetária internacional. Esta posição, no entanto, como já fora prevista por Triffin nos anos 60, tem um custo inerente, qual seja, consolidou-se através dos constantes déficits no balanço de pagamentos americano, financiado com uma emissão de dólares e títulos do tesouro que alimentam ainda mais o processo deficitário do FED.

Este processo inflacionário, supra descrito, alia-se ao processo inflacionário dos outros estados, que não sendo possuidores da máquina de imprimir dinheiro da grife americana, necessitam meio circulante com valor de troca internacional para financiar seu comércio e investimentos. Aliada a este processo de inflação dos papéis públicos une-se a inflação de papéis privados através dos mercados à termo e seus derivativos.

Sob a guerra fria constatava-se um enfrentamento polarizado entre os EUAxURSS, no entanto a disputa econômica pelos mercados restringiu-se sempre a tripolaridade dos EUA, Japão e Europa. Com os estilhamento da antiga URSS o tripé econômico reforçou-se ainda mais, surgindo fissuras no bloco dos antigos aliados econômicos do pós-guerra.

A Europa busca sua consolidação como potência econômica, não só através da união econômica sobre o pátio de Maastrich, mas busca isto sim consolidá-la através de uma moeda, o Euro que em breve estará em vigência. O Japão, por seu turno, não quer mais submeter-se ao seu "protetor" americano pagando o estouro da banca dos Ex-Tigres. Assim, desvaloriza gradativamente o yen e o valor do seu passivo assumido naquela moeda. Faz isto com segurança, porque assim como a Alemanha, está sentado sobre uma pilha de trilhões de dólares de títulos do Tesouro Americano.

A queda gradativa e constante da valor monetário no oriente e a estabilização do ocidente, notadamente a Europa, faz com que o dólar americano e as economias que lhe são dependentes, como a América Latina, fiquem isolados com uma super valorização monetária que lhes agrava os processos, tanto o de Importação como de Exportação, perdendo a capacidade de concorrência frente aos dumpings sociais somados aos dumpings monetários destes países, fazendo com que ocorra a destruição de sua economia interna, ou pela extinção de seu capitalismo autóctone, como é o caso da América Latina, ou a perda de suas indústrias, através de greves, como é o caso dos EUA.

A China, o novo aliado adulado por Clinton, sente o impacto do bloco controlado pelo Japão. Até quando seu imenso mercado será cativo ao mercado americano e ela não será forçada a desvalorizar da mesma forma o yuan ?!! Quanto tempo resistirão a Rússia e o Chile que de round em round já estão quase atirando a toalha no ringue ?

A questão concreta que fica no ar é a seguinte: Até que ponto os Estados Unidos e os sistemas econômicos que lhe são dependentes, notadamente a América Latina, aguentarão com suas moedas sobrevalorizadas em relação aos demais sem ter de fazer uma maxi-

desvalorização em conjunto ?!!

Outro problema que se agiganta é aquele que denuncia o day-after da explosão da grande bolha: Constata-se que o nível de interação econômica do mundo não mais permite a possível visão da moeda como um valor nacional. Assim, do ponto de vista da racional sobrevivência da humanidade, não só econômica mas como sociedade viável, deflui nesta razão direta, a construção de um conceito internacional de moeda, que mantenha a sua base como valor ou padrão estimativo de troca, superando no entanto sua origem e base nacional, para tornar-se um valor internacional propriedade da humanidade, assegurando a diversidade dos vários povos através da estabilidade e segurança econômica. Inscrever-se-ia assim, nas cartas dos direitos humanos dos povos, um direito essencial que a história está devendo para a humanidade: O Direito à Moeda.

Publicado no Jornal do Comércio